

sublime
redescoberta
caligráfica

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO DIGITAL DE MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BACHARELADO EM DESIGN GRÁFICO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL – RI/UFG

Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso

Autor(es): Kaiky Fernandez Barbosa e Keslley Albano da Silva	
E-mail: Keslleyalbano@gmail.com; kaiky1103@gmail.com	
O(s) e-mail(s) pode(m) ser disponibilizado(s) na página? (x) Sim () Não	
Título do trabalho: Sublime Redescoberta Caligrafica	
Palavras-chave: Caligrafia; Guia de caligrafia; Narrativa.	
Título em outra língua: Sublime calligraphic rediscovery	
Palavras-chave em outra língua: Calligraphy. Calligraphy guide. Narrative.	
Data da defesa: 30 novembro 2017	Curso: Bacharelado em Design Gráfico
Orientador (a): Prof. Wagner Bandeira da Silva	

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O referido autor:

- a) Declara que o documento em questão é seu trabalho original, e que detém prerrogativa de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.
- b) Se o documento em questão contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal de Goiás os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento em questão.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Na qualidade de titular dos direitos do autor do conteúdo supracitado, autorizo a Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás a disponibilizar a obra, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional - RI/UFG, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data, sob as seguintes condições:

Permitir uso comercial de sua obra? () Sim (x) Não

Permitir modificações em sua obra?

() Sim

() Sim, contanto que outros compartilhem pela mesma licença .

(x) Não

A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Goiânia 08 de dezembro de 2017.

Keslley Albano da Silva *Kaiky Fernandez Barbosa*
Assinatura do(s) autor(es) e/ou detentor(es) do(s) direitos autorais

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM DESIGN GRÁFICO

Kaiky Fernandez
Keslley Albano da Silva

Sublime Redescoberta Caligraphica:
Uma narrativa sobre o ensino da caligrafia artística

GOIÂNIA
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Albano da Silva, Kesley

Sublime redescoberta caligrafica [manuscrito] / Kesley Albano da Silva, Kaiky Fernandez Barbosa. - 2017.

57 p. : 46 il.

Orientador: Prof. Dr. Wagner Bandeira da Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Design Gráfico, Goiânia, 2017.

Inclui fotografias, lista de figuras.

1. Caligrafia. 2. Guia caligrafico. 3. Sublime redescoberta caligrafica. 4. Narrativa. I. Fernandez Barbosa, Kaiky. II. Bandeira da Silva, Wagner , orient. III. Título.

CDU 745/749

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
BACHARELADO EM DESIGN GRÁFICO

Kaiky Fernandez
Keslley Albano da Silva

Sublime Redescoberta Caligraphica:
Uma narrativa sobre o ensino da caligrafia artística

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel
em Design Gráfico da Faculdade de Artes Visuais (FAV)
da Universidade Federal de Goiás (UFG).

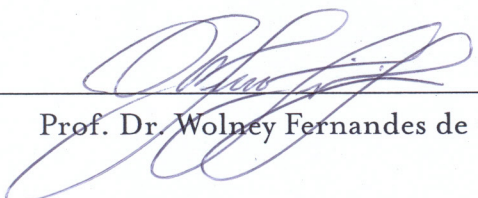
Defendido e aprovado publicamente em 30 de novembro de 2017, pelos seguintes
membro da banca:



Prof. Dr. Wagner Bandeira da Silva (Orientador)



Prof. M.ª Ciça Fittipaldi



Prof. Dr. Wolney Fernandes de Oliveira

GOIÂNIA 2017

RESUMO

A caligrafia enquanto expressão artística vem tendo cada vez mais adesão em projetos de design com o objetivo de ter soluções mais personalizadas e manuais, na contramão da demasia de projetos executados estritamente com ferramentas computacionais. Os atuais guias de caligrafia presentes no mercado trazem essa abordagem artística, mas com um viés meramente instrucional, a fim de capacitar o usuário. Sendo assim, o projeto apresenta a utilização de uma narrativa para introduzir o conteúdo e proporcionar ao usuário os fundamentos da caligrafia sem que haja um caráter reprodutivo, mas possibilitando que ele tenha sua própria expressão gráfica. Para isso, foram analisados os atuais guias de caligrafia presentes no mercado, além de materiais similares, como guias de ilustração. O resultado é um guia de caligrafia impresso que traz uma abordagem narrativa e recursos gráficos a fim de contribuir com a didática do mesmo e torná-lo não apenas um material instrucional, mas também de entretenimento.

Palavras-chave: Caligrafia; Guia de Caligrafia; Narrativa.

ABSTRACT

Calligraphy as an artistic expression has a growing accession in design projects with its goal being to have both personalized and manual solutions, going against the many projects executed strictly with computer tools. The current calligraphy guides present in the market bring this artistic approach, but with a merely instructional bias, in order to enable the user. Therefore, the project presents the use of a narrative to introduce the content and provide the user the bases of calligraphy, without there being a reproductive character, but enabling them to have their own graphic expression. For this, were analyzed the contemporary calligraphy guides, in addition to similar materials, such as illustration guides. The result is a printed calligraphy guide that brings a narrative approach and graphic resources in order to contribute to its didactic and turn it into an instructional and entertaining material.

Keywords: Calligraphy. Calligraphy guide. Narrative.

LISTA DE FIGURAS

- 12 Figura 1. Caligrafia como base para projeto de identidade visual.
- 12 Figura 2. Projeto de ambientação de estabelecimento comercial.
- 13 Figura 3. Caligrafia aplicada em peça publicitária.
- 13 Figura 4. Exposição de caligrafia realizada em Goiânia/GO.
- 14 Figura 5. Encontro de práticas caligráficas, na cidade de Goiânia/GO.
- 15 Figura 6. Oficina de Caligrafia.
- 15 Figura 7. Capa do fascículos do curso de caligrafia do Instituto Universal Brasileiro
- 16 Figura 8. Páginas do livro “A Arte da Caligrafia”.
- 16 Figura 9. Páginas do livro “A Arte da Caligrafia”.
- 17 Figura 10. Página do livro “ Calligraphy - A Complete Guide”.
- 20 Figura 11. Trecho da HQ “A Volta”, do projeto Problemas em Quadrinhos.
- 22 Figura 12. Exemplo de caligrafia enquanto escrita.
- 22 Figura 13. Caligrafia canônica no Saltério de Ramsey.
- 23 Figura 14. Aplicação da caligrafia artística em um mural.
- 27 Figura 15. Página interna do livro “ O Código do Caçador de Recompensa”.
- 27 Figura 16. Página interna do livro “Use a Cabeça! Python”.
- 28 Figura 17. Foto de página interna do livro “Labirinto”.
- 32 Figura 18. Espelho editorial.
- 33 Figura 19. Rafe de página dupla do projeto gráfico.
- 33 Figura 20. Rafe de página dupla do projeto gráfico.
- 34 Figura 21. Storyboard dos capítulos.
- 35 Figura 22. Desenvolvimento de página dupla do projeto, no software Indesign.

- 36 Figura 23. Dimensões do formato fechado dos similares analisados.
- 37 Figura 24. Foto de uma página do Saltério de Ramsey.
- 38 Figura 25. Grid de Van De Graaf.
- 39 Figura 26. Conteúdo aplicado com base na grid.
- 40 Figura 27. Foto de página interna do livro “A Arte da Caligrafia”.
- 41 Figura 28. Comparativo entre a foto original e a foto com tratamento.
- 42 Figura 29. Estudos de composição para a capa do livro.
- 43 Figura 30. Plume Regular.
- 43 Figura 31. Detalhes das terminações da Plume Regular.
- 44 Figura 32. Título e mancha de texto com as especificações das fontes utilizadas.
- 44 Figura 33. Latina Essential Bold.
- 45 Figura 34. Anotações manuais no conteúdo do livro.
- 46 Figura 35. Produção das figuras presentes no livro.
- 47 Figura 36. Exemplo de correspondência entre a tinta Aqualine e a escala CMYK.
- 47 Figura 37. Exemplo de estilo de escrita apresentado em tons de cinza.
- 48 Figura 38. Exemplo de estilo de escrita apresentado de forma colorida monocromática.
- 48 Figura 39. Exemplo de estilo de escrita apresentado de forma colorida.
- 49 Figura 40. Variação cromática nos traços das letras.
- 52 Figura 41. Espelho editorial final.
- 52 Figura 42. Encadernação do produto final.
- 53 Figura 43. Capa do livro.
- 53 Figura 44. Dupla de páginas com aplicação da caligrafia.
- 54 Figura 45. Dupla de páginas.
- 54 Figura 46. Ductus sobre o alfabeto.

SUMÁRIO

II	Introdução
II	Contextualização
18	Definição de Termos
18	Descrição do Corpus de Pesquisa
20	Problematização
21	Metodologia
21	Caligrafia
23	Fundamentos
24	Análise e Pesquisa
25	Estrutura do Livro
25	Contexto Narrativo
26	Análise de referências - Livros gerais
28	Análise de Similares - Estrutura dos Guias de Caligrafia
29	Análise - Estrutura dos Guias de Ilustração e Desenho
30	Espelho Editorial
33	Estudos preliminares
36	Produto Editorial
36	Formato e Dimensões
38	Grid
39	Apresentação das Ferramentas
41	Encadernação
42	Capa
43	Tipografia
45	Figuras e Paleta Cromática
49	Espelho Editorial Final
52	Resultado Final
55	Conclusão
56	Referências

1. INTRODUÇÃO

Nesta introdução é feita a contextualização da pesquisa, ou seja, é apresentada a relevância do tema - caligrafia artística - dentro do nosso contexto enquanto designers gráficos. Além disso, é realizada a problematização da pesquisa em questão e o apresentado processo metodológico para o desenvolvimento do produto final: um guia de caligrafia artística.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Esse trabalho se inspira em um crescente interesse verificado pela caligrafia entre os designers,, como afirmam Novais e Miranda (2017), “existem indícios de uma nova geração de calígrafos em atuação neste momento no país”. Embora não se possa afirmar a causa, é bem provável que esse crescente interesse se dá como resposta à saturação de projetos feitos através de recursos computacionais desde o surgimento dos softwares de desktop publishing e sua inserção no design gráfico. Então, processos manuais como a caligrafia, por exemplo, se tornam alternativas e fatores de diferenciação para um público que nasceu em um cenário repleto de telas de computadores. Assim também pensa a calígrafa Clarence Wee em entrevista para o Channel News Asia:

“Em um tempo onde a tecnologia está se tornando mais avançada, penso que trabalhar com suas mãos é um tanto atraente. Pessoas deveriam encontrar prazer em trabalhar com suas mãos novamente depois de um longo dia sentado de frente ao computador usando seus fones de ouvido.” (WEE apud LEOW, 2016).

Dentro do campo do design, o uso da caligrafia pode ser notada com aplicações em projetos de diferentes naturezas, o que lhes confere uma solução mais artesanal e que possibilita uma alternativa à pasteurização de projetos feitos por meios

digitais. Como exemplo disso, há projetos de identidade visual (figura 1), de ambientação (figura 2) e de peças publicitárias (figura 3).

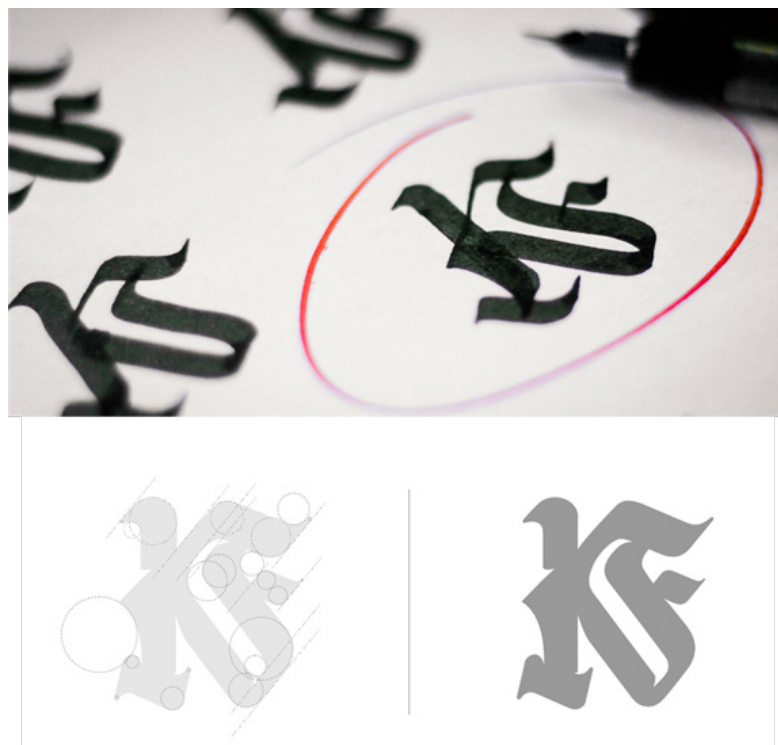


Figura 1. Caligrafia como base para projeto de identidade visual.

Fonte: <http://behance.net/gallery/41149223/Kaiky-Fernandez-Identidade-Visual>, 2016.



Figura 2. Projeto de ambientação de estabelecimento comercial.

Fonte: <https://www.behance.net/gallery/52549963/El-Cabriton-Tipocali>, 2017.



Figura 3. Caligrafia aplicada em peça publicitária.

Fonte: <https://www.behance.net/gallery/16400243/O-Cacador-TV-Globo>, 2014.

Além das aplicações em projetos, há uma crescente oferta de atividades voltadas para a comunidade em geral - e não apenas para designers - que visam popularizar a caligrafia enquanto expressão artística e cultural. Como exemplos dessas atividades, há exposições de caligrafia (figura 4), as quais geralmente acontecem em casas de cultura, bares ou em locais públicos, como o “Encontro de Práticas”, promovido pelo Coletivo Tipografeed na cidade de Goiânia/GO, o qual já possui mais de 20 edições, todas gratuitas (figura 5).



Figura 4. Exposição de caligrafia realizada em Goiânia/GO.

Fonte: Coletivo Tipografeed, 2016.



Figura 5. Encontro de Práticas Caligráficas, na cidade de Goiânia/GO.
Fonte: Coletivo Tipografeed, 2017.

Diferentemente da caligrafia ensinada na sala de aula, com fins de domínio da escrita da língua vernácula, a caligrafia artística busca seus referenciais estéticos principais na história da escrita ocidental, com forte influência dos textos produzidos durante a Idade Média. Seu ensino não é oferecido na educação formal, deixando ao interessado a busca por orientações sobre as técnicas e materiais necessários para essa arte. Atualmente, o ensino da caligrafia com ferramentas de ponta chata, foco do presente estudo, geralmente é realizado de três formas: através de cursos presenciais ministrados por calígrafos e profissionais que atuam na área, geralmente organizados de forma independente (figura 6); por meio dos manuais e guias disponíveis no mercado, sendo que a grande maioria deles são importados e disponíveis atualmente em língua inglesa; ou por intermédio de cursos online disponibilizados em plataformas de ensino a distância.



Figura 6. Oficina de caligrafia.
Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

A respeito dos manuais e guias, vale ressaltar que desde muito tempo existiam produtos que ofereciam esse conteúdo. Como exemplo, houve o curso de caligrafia à distância fornecido pelo Instituto Universal Brasileiro (figura 7), o qual existe desde a metade do século XX, muito antes do advento da Internet, tornando a prática caligráfica acessível àqueles que tivessem interesse.

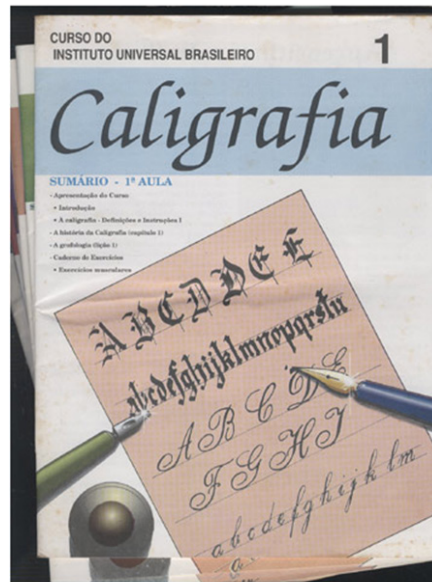


Figura 7. Capa de um dos fascículos do curso de caligrafia do Instituto Universal Brasileiro.
Fonte: https://sebodomessias.com.br/imagens/produtos/116/1160620_548.jpg, 2017.

Se tratando especificamente da caligrafia de ponta chata, os atuais guias de caligrafia disponíveis no mercado, possuem dois vieses: o primeiro, mais técnico e reprodutivo no que tange à execução das letras, tem sempre como finalidade a aplicação em suporte de papel e traz uma abordagem histórica, ou seja, há a preocupação em apresentar para o leitor a origem de cada alfabeto, bem como uma demonstração didática da sua realização. Como exemplo, há o livro “A arte da Caligrafia” (David Harris), que trabalha o viés técnico e reprodutivo das letras. Nele, o autor apresenta amostras caligráficas históricas (figura 8), nas quais se baseia para compor uma síntese dos alfabetos apresentados (figura 9), instruindo o leitor a reproduzi-los.

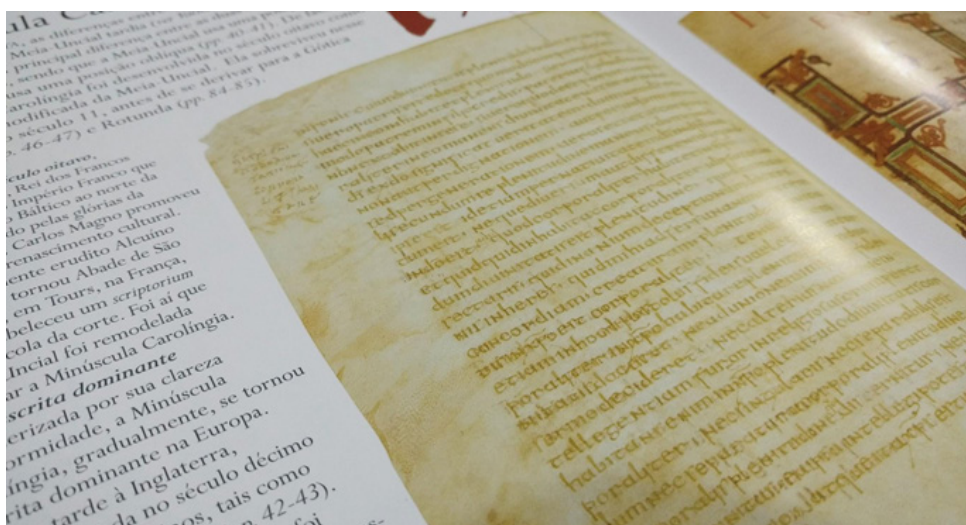


Figura 8. Páginas do livro “A Arte da Caligrafia”
Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

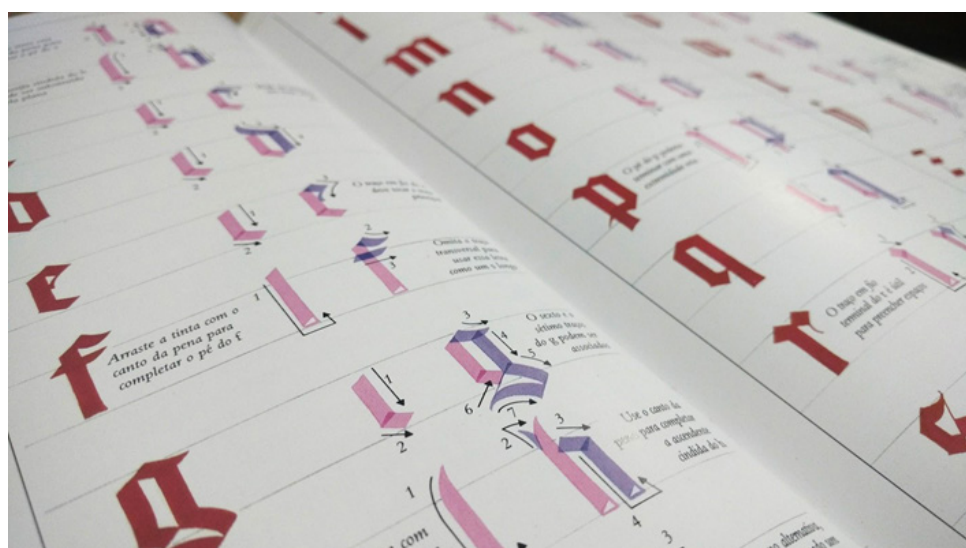


Figura 9. Páginas do livro “A Arte da Caligrafia”
Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

O segundo viés, apresenta essencialmente um conteúdo mais artístico, com um olhar mais estético e explorando as aplicações criativas da caligrafia em diversos projetos. Como exemplo, há o livro “Calligraphy - A Complete Guide” (Julien Chazal), que não apresenta os modelos de escrita de uma forma rígida ou definitiva, mas mostra as suas possibilidades de variações e aplicações mais expressivas (figura 10).



Figura 10. Página do livro “Calligraphy - A Complete Guide”

Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

Com isso, entende-se que o projeto pode se diferenciar não em relação ao conteúdo, tendo em vista que existem materiais que abordam o tema com diferentes enfoques, mas sim na forma de apresentar esse conteúdo. Portanto, o fator de diferenciação do produto realizado no presente trabalho para os produtos disponíveis no mercado é a inserção de uma narrativa para tornar o processo de aprendizagem da caligrafia artística com ferramenta de ponta chata mais lúdico e com um caráter de entretenimento, sem abrir mão das questões teóricas e técnicas.

1.2 DEFINIÇÃO DE TERMOS

Alguns termos utilizados, embora pareçam comuns, podem causar confusão quanto à sua compreensão quando aparecem no contexto do estudo da caligrafia. Este é o caso dos termos “Manual” e “Guia”.

Apesar de semelhantes, esses dois termos possuem uma diferença sutil, mas para a qual precisamos dar a devida atenção. Segundo Mazzarolo (2017, p. 28), manual é “um documento técnico que contém um conjunto de recomendações, especificações e normas essenciais”, ou seja, a função do manual, seja ele qual for, é normatizar e regulamentar o uso de algo. Por outro lado, o objetivo do guia é explicar o funcionamento de algo, segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, sem a preocupação em normatizar ou regulamentar.

Outros termos semelhantes, mas que possuem diferenças, são caligrafia, lettering e tipografia. Willen e Straus (2009) definem o termo caligrafia como uma letra ou palavra que é escrita através de poucos traços oriundos de uma ferramenta. É literalmente a escrita, na qual a associação entre a ferramenta utilizada e movimentos realizados será responsável por determinar a expressão gráfica. Por outro lado, segundo Flor (2017), lettering é o desenho da forma das letras, feito para uma aplicação e propósito específico. Ele pode ser feito tanto analogicamente, quanto por meio de recursos digitais. Por fim, a tipografia é um conjunto específicos de letras projetadas para serem funcionais entre si e identicamente reproduzíveis, configurando-se como um arquivo de software, podendo ser instalado em dispositivos para o uso.¹

1.3 DESCRIÇÃO DO CORPUS DE PESQUISA

Realizada a contextualização e a definição dos termos, o corpus de pesquisa consiste em um guia caligráfico, entendendo que seu objetivo não é normatizar ou regulamentar o modo de se usar a caligrafia, mas sim dar um direcionamento ao usuário para que ele tenha condições de se apropriar dessa técnica para realizar trabalhos artísticos.

Para isso, são apresentadas questões de cunho teórico - morfologia das letras, termos técnicos, conceitos - alinhadas a uma parte prática - execução dos traços, movimentos, uso de materiais. Além disso, o produto aponta modelos de escrita utilizados ao longo da história como ponto de partida estética para o desenvolvimento da caligrafia.

¹ Vale ressaltar que essa é uma definição aplicável no nosso atual contexto. Nos primórdios da tipografia, ela era essencialmente analógica, produzida em moldes de madeira ou metal, que são conhecidos como tipos móveis.

Dentro do estudo da caligrafia, é necessário fazer um recorte em dois âmbitos principais para delimitar nosso estudo. Para isso, utilizou-se como base dois critérios: o primeiro, no que se refere ao contexto geográfico, o presente estudo limita-se à escrita ocidental². O segundo, que trata das ferramentas utilizadas, limita-se à caligrafia com ferramentas de ponta chata. Ainda dentro desse recorte técnico, fez-se uma seleção por conveniência dos estilos caligráficos que entendemos ter maior relevância para o nosso estudo, com base em Harris (2013) e Chazal (2013), sendo eles:

- Fundamental, uma escrita que surgiu no século 20, baseada na simplificação da minúscula carolíngia;
- Humanista, um estilo renascentista que serviu de inspiração para uma categoria tipográfica de mesmo nome;
- Itálica, que adveio da minúscula humanista, mas criada para ser escrita de uma forma mais rápida, o que lhe confere uma inclinação característica;
- Gótica Primitiva, que foi utilizada entre os séculos XI e XIII;
- Minúscula Carolíngia, estilo criado a pedido do imperador Carlos Magno, no século VIII;
- Bastarda, que possui formais mais gestuais e fluidas;
- Bâtarde, que é similar à bastarda, mas que possui uma maior sofisticação e liberdade nos traços;
- Fraktur, que tem esse nome devido às “fraturas” que as letras possuem;
- Textura Quadrata, que tem os traços mais retos e angulares, conferindo-lhe uma estética muito particular.

O objetivo do projeto em questão é apresentar as várias possibilidades artísticas da caligrafia com ferramenta de ponta chata para que o usuário tenha condições de entender as variáveis que envolvem o trabalho caligráfico e optar por aquilo que melhor corresponde aos seus interesses.

A escolha pela caligrafia com ferramenta de ponta chata foi devido a dois fatores. O primeiro, pela amplitude de possibilidades: esse tipo de caligrafia pode ser realizado nos mais diversos suportes (papel, madeira, vidro etc.), em diferentes inclinações (sobre uma mesa ou em uma parede, por exemplo) e possui uma vasta gama de ferramentas e substratos para a sua execução, desde materiais caseiros até produtos industrializados de alto custo. O segundo fator, devido o interesse por esse tipo de caligrafia por parte dos autores da pesquisa.

2 Embora também tenha relação geográfica, a “escrita ocidental” neste contexto é caracterizada por ter como base o latim.

1.4 PROBLEMATIZAÇÃO

A proposta do trabalho é elaborar um guia caligráfico de uma forma lúdica e informal, utilizando uma abordagem narrativa como ferramenta de apoio para a didática, a exemplo do projeto do Governo do Estado do Paraná intitulado “Problemas em Quadrinhos” (figura II), que apresenta a contextualização de disciplinas escolares por meio de histórias em quadrinhos. Essa narrativa possibilita com que haja um caráter de entretenimento no produto, facilitando o entendimento do conteúdo e viabilizando que ele seja de interesse tanto do usuário que deseja aprender caligrafia, quanto do usuário que é apenas curioso pelo tema.



Figura II. Trecho da HQ “A Volta”, do projeto Problemas em Quadrinhos.
Fonte: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/hq_a_volta.pdf, 2017.

Para o seu desenvolvimento, é necessária a compreensão de alguns fatores que vão possibilitar a abordagem do tema:

- Estudo das caligrafias delimitadas, entendendo sua origem histórica, seu contexto de uso e seus aspectos formais;
- Estudo dos suportes, ferramentas e substratos disponíveis atualmente para a execução da caligrafia, entendendo suas possibilidades e limitações.
- Estudo teórico sobre caligrafia, fundamentando o conteúdo apresentado.

1.5 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do projeto dividimos a sua estrutura nas seguintes etapas:

- Estudo sobre manuais e guias de um modo geral, a fim de entender suas diferenças, conceitos, linguagens, possibilidades gráficas e recursos didáticos.
- Estudo sobre o ensino da caligrafia, o qual abrange tanto os aspectos teóricos sobre a escrita, quanto os aspectos práticos relacionados à ferramentas, suportes e substratos.
- Pesquisa e análise de livros que tivessem o caráter de “diário”, independente da temática ou gênero textual, com a finalidade de analisar como essa característica é representada graficamente e explorada para além do conteúdo textual. Sendo assim, foram obtidas três amostras - O Código do Caçador de Recompensa, Use a Cabeça! Python e Labirinto, sobre as quais serão apresentados os resultados da análise no capítulo 3.
- Pesquisa e análise de manuais e guias de caligrafia e lettering³, com o objetivo de analisar a linguagem gráfica dos mesmos, bem como as representações de objetos e dos alfabetos em si. Ao todo, tivemos uma amostragem de 8 itens, sendo 3 deles essencialmente de caligrafia.
- Definido o escopo do projeto, após as pesquisas e análises, são realizados uma série de estudos práticos e geração de alternativas referentes ao layout do guia, à diagramação do texto, às imagens utilizadas e representação dos alfabetos.
- Execução do produto final - guia de caligrafia - segundo as diretrizes levantadas nas etapas anteriores.

1.6 CALIGRAFIA

Segundo Lopes (2009), o significado da palavra “caligrafia” é “bela escrita”, compreendendo a junção dos radicais gregos kallos (beleza, belo) e graphein (escrever). Semelhantemente, Noordzij (2013, p. II) traz a definição de que “caligrafia é uma escrita manual cujo propósito reside nela mesma, dedicada à qualidade de suas formas”, ou seja, a caligrafia possui uma intenção, um propósito, e suas formas traduzem esse propósito graficamente através dos traços executados.

Acrescentando a essa definição inicial, segundo Loaiza, Valencia e Arias (2010), a caligrafia pode ser entendida em três grupos distintos: o primeiro se refere à caligrafia

3 Apesar da diferença entre lettering e caligrafia, entende-se que ambos possuem semelhanças no que tange à questões didáticas e de representação gráfica.

enquanto escrita, utilizada cotidianamente para preencher documentos, redigir textos, entre outros, sendo o seu principal propósito a legibilidade do texto escrito. O segundo se refere à caligrafia canônica. O terceiro, por sua vez, se refere à caligrafia artística, aquela que busca ser uma expressão gráfica, não levando em consideração a legibilidade ou fidelidade formal histórica.

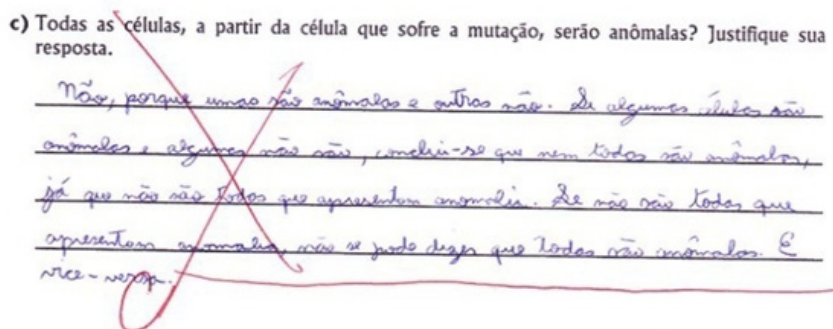


Figura 12. Exemplo de caligrafia enquanto escrita.

Fonte: <https://educacao.uol.com.br/album/2013/08/30/facebook-veja-supostas-perolas-de-respostas-dadas-por-estudantes-em-provas.htm#fotoNav=7>, 2017

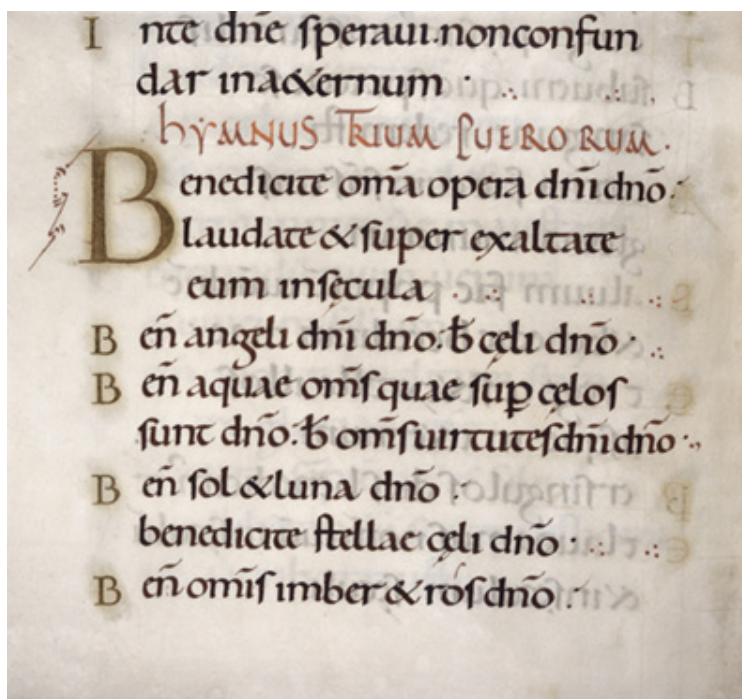


Figura 13. Caligrafia canônica no Saltério e Ramsey.

Fonte: <https://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/ILLUMIN.ASP?Size=mid&IllID=27189>, 2017.



Figura 14. Aplicação da caligrafia artística em um mural.
Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

No presente trabalho adota-se as duas últimas classificações, partindo do estudo da caligrafia canônica como fundamentação técnica, mas indo em direção à caligrafia artística, ou seja, o objetivo é que o usuário não apenas se limite à reprodução de modelos de alfabetos, e sim que tenha a possibilidade de usar a caligrafia de uma forma mais expressiva e autoral, em que ela não seja apenas o meio para se transmitir determinada informação, mas sim a finalidade enquanto expressão gráfica.

1.7 FUNDAMENTOS

O ponto de partida da pesquisa é a caligrafia canônica⁴, ou seja, aquela que tem como finalidade a reprodução de alfabetos desenvolvidos ao longo da história, onde seu propósito é a busca pela semelhança formal com as referências utilizadas. Essa pesquisa é delimitada pelas escritas com ferramenta de ponta chata, por ser um tipo específico de caligrafia que não é mais utilizado cotidianamente - embora seja comum no meio artístico, mas que contém uma literatura específica que traz fundamentação teórica e prática para sua execução.

4 Termo definido no subitem 1.6

Historicamente falando, Harris (2013, p. 06) divide as escritas latinas em duas categorias: a primeira como escrita formal, aquela utilizada em documentos oficiais que detinham alguma autoridade; a segunda como informal, aquela utilizada em documentos cotidianos, para fins ordinários. É interessante que se tenha conhecimento dessa diferenciação, tendo em vista que ela implica nas mudanças que a escrita foi adquirindo ao longo da história nos diferentes contextos, derivando em novas variações formais.

Vale ressaltar que os modelos de escrita apresentados nos atuais guias de caligrafia, assim como os modelos que são apresentados no presente estudo, são apenas sínteses de caráter puramente didático. Segundo Harris (2013, p. 07), “a busca de um modelo definitivo para uma escrita específica é quase impossível”. Se comparado um mesmo estilo caligráfico, de um mesmo período histórico, mas apresentado em documentos diferentes, notaremos que há diferenças em ambos. Isso se reflete nos guias de caligrafia, por exemplo, em que a síntese de um mesmo alfabeto possui diferenças de um autor para outro.

1.8 ANÁLISE E PESQUISA

Tendo em vista o objetivo de desenvolver um guia para o ensino da caligrafia, primeiramente foi realizada uma análise paramétrica dos alfabetos caligráficos que foram delimitados para o projeto. Para isso, fez-se a desconstrução de cada alfabeto, ao invés de analisá-los como um todo. Sendo assim, chegou-se às seguintes variáveis: período histórico, local geográfico de origem, local(is) geográfico(s) de utilização, angulação da pena, inclinação das letras, tamanho da altura de X, tamanho das ascendentes, tamanho das descendentes e forma dos terminais. Essa análise teve como finalidade contribuir com a compreensão das diferenças específicas de cada alfabeto para além de uma comparação visual.

Após a realização da análise, foi estabelecido o período histórico de cada alfabeto como critério para uma pesquisa de documentos históricos que os continham, com a finalidade de ir além das sínteses didáticas dos alfabetos apresentados nos guias de caligrafia que usamos como referência e permitir que o projeto tenha um embasamento mais sólido.

2 ESTRUTURA DO LIVRO

Esse capítulo apresenta todo o processo de desenvolvimento do produto, abrangendo as pesquisas e análises de similares, as definições técnicas (tamanho, tipografia, materiais etc.) e as tomadas de decisões do ponto de vista estético (representação de objetos, dos alfabetos, paleta de cores etc.).

2.1 CONTEXTO NARRATIVO

O produto resultante da pesquisa é um projeto editorial de um guia caligráfico que tem uma abordagem narrativa, a qual possibilita o ensino da caligrafia de uma forma mais lúdica e recreativa.

O contexto narrativo criado se passa em um futuro ficcional, no ano de 2163, na cidade de Goiânia. Nesse contexto, a escrita manual foi abolida após uma revolução cibernética ocorrida no ano de 2040, na qual foram perdidos praticamente todos os livros impressos e registros analógicos, deixando a sociedade refém da tecnologia digital. Diante disso, o personagem principal, chamado Eduardo João⁵, ouve seu professor do curso de Design Digital mencionar que no passado as pessoas escreviam à mão. Ele fica intrigado com tal informação, e a partir daí começa uma busca para tentar descobrir e entender a caligrafia. Essa busca tem duração de 20 anos e concluindo-a, o personagem escreve o livro como o objetivo de que esse conhecimento não se perca.

Segundo Will Eisner (1998), a empatia é a característica humana mais básica, e que portanto devemos explorá-la ao criar um contexto narrativo. Com base nisso, optou-se em colocar o personagem como um designer gráfico que teve o seu primeiro contato com a caligrafia durante sua graduação, considerando que a maior parte do público-alvo do projeto está ou já passou por ela.

O tempo futuro serve como fundamento para que a caligrafia seja algo desconhecido à sociedade, possibilitando que a busca e os registros do personagem tenham um caráter histórico, teórico e prático. Muito além de mostrar como se faz caligrafia, ele irá apresentar o que está por trás disso, ou seja, os fundamentos e processos.

Apresentar a escrita como algo inexistente nesse contexto de sociedade futura é uma forma de aplicar e subscrever a crítica a respeito da desconsideração da escrita, que é apresentada Noordzij (2013, p. 16):

“A escrita manual contemporânea é totalmente ignorada, está a mercê de pedagogos que, com sua teimosia cega, colocam toda a civilização em risco. Isso pode até parecer exagero, mas o que é a civilização ocidental senão

5 O nome do personagem é uma brincadeira em homenagem a Edward Johnston, autor do alfabeto “Fundamental”, que é apresentado no livro e que possui uma grande importância para a história da caligrafia ocidental.

a comunidade cultural que se beneficia da escrita ocidental? Pedagogos se orgulham do fato de que eles não sobrecarregam o aprendizado das crianças com um introdução à escrita. Ao agir assim, estão minando as fundações da civilização ocidental.”

O livro é dividido nas seguintes partes:

- Abertura: uma carta escrita pelo personagem explicando sobre o que o material se trata;
- Introdução: é realizada a contextualização da história, informando onde e quando ela se passa, quem é o personagem e o que o motivou a buscar a caligrafia.
- Morfologia: capítulo que traz os primeiros conceitos teóricos sobre a caligrafia, sendo esses translação e rotação.
- Execução: são apresentados fatores de caráter teórico-prático sobre a execução das letras.
- Estilos de Escrita: apresentação de nove estilos de escrita consolidados ao longo da história, como referência estética para o usuário.
- Ferramentas: são apresentadas as principais ferramentas para a execução da caligrafia, resultando em oito modelos diferentes.
- Tintas: apresentação de cinco possibilidades de tinta.

2.2 ANÁLISE DE REFERÊNCIAS - LIVROS GERAIS

Uma vez que o objetivo do projeto foi delimitado, foi realizado um levantamento e uma análise de livros gerais que possuem um projeto gráfico similar em termos gráficos com o que foi pretendido para o nosso produto.

O livro “O Código do Caçador de Recompensa”, da editora Bertrand Brasil, apresenta a narrativa em primeira pessoa, utilizando um projeto editorial com uso de tipografia, mas com recursos que simulam uma interferência analógica posterior à impressão nas suas páginas, representando anotações e marcações (Figura 15). Isso faz com que o projeto tenha um tom pessoal e a experiência de leitura se torna mais imersiva e lúdica.

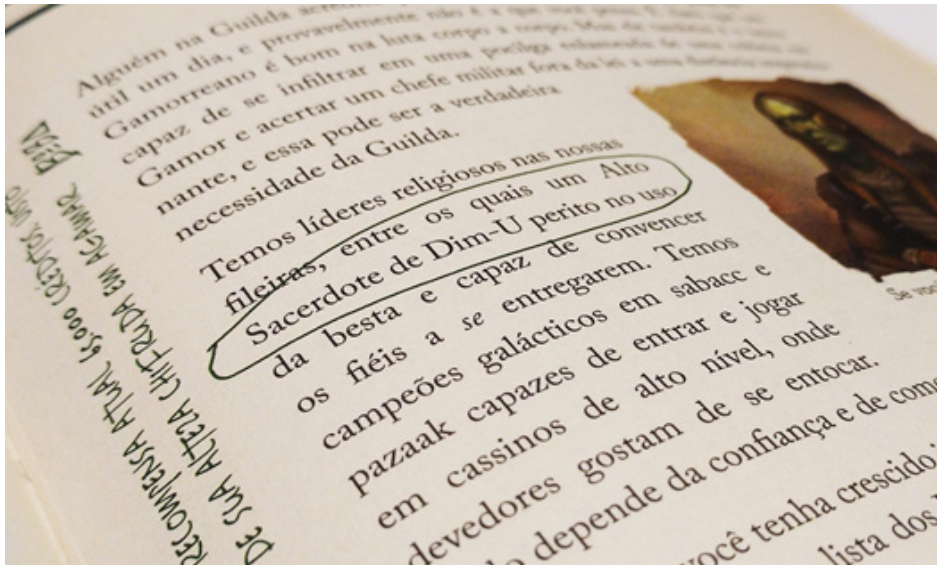


Figura 15. Foto de página interna do livro “O Código do Caçador de Recompensa”.
Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

O livro “Use a Cabeça! Python”, da Alta Books, também traz a mesma proposta do similar anterior, apresentando algumas marcações e anotações para indicar e ressaltar determinadas informações (figura 16). A diferença é que esse livro tem uma proposta didática ao invés de narrativa. No caso dele, as interferências são um pouco menos gestuais e orgânicas, ficando claro que foram feitas digitalmente apenas para amenizar a seriedade do material.

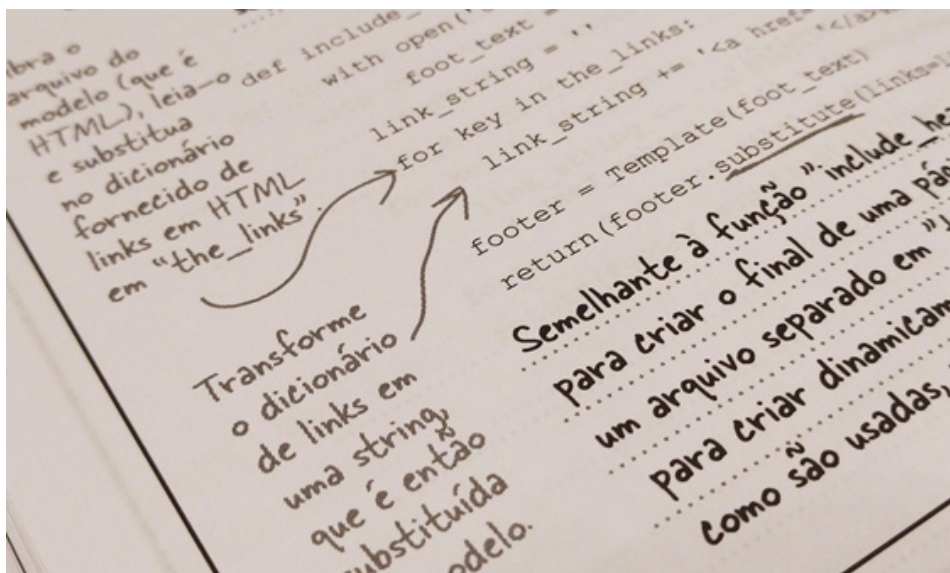


Figura 16. Foto de página interna do livro “Use a Cabeça! Python”
Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

Já o livro “Labirinto”, da editora Darkside, abre mão por completo do uso da tipografia. Toda a história é escrita à mão pelo próprio autor (figura 17), o que representa um grau enorme de personalidade e personalização. Evidentemente, o foco desse projeto não é a legibilidade, que fica comprometida pela escrita manual e impossibilita uma leitura fluida. No entanto, para os fins propostos pelo autor, esse recurso cumpre bem seu objetivo e faz com que a publicação tenha uma diferenciação comparada à grande maioria dos demais livros. Além disso, ele também apresenta uma fita para a marcação de páginas, recurso comumente presente em diários, sketchbooks ou bíblias, por exemplo.

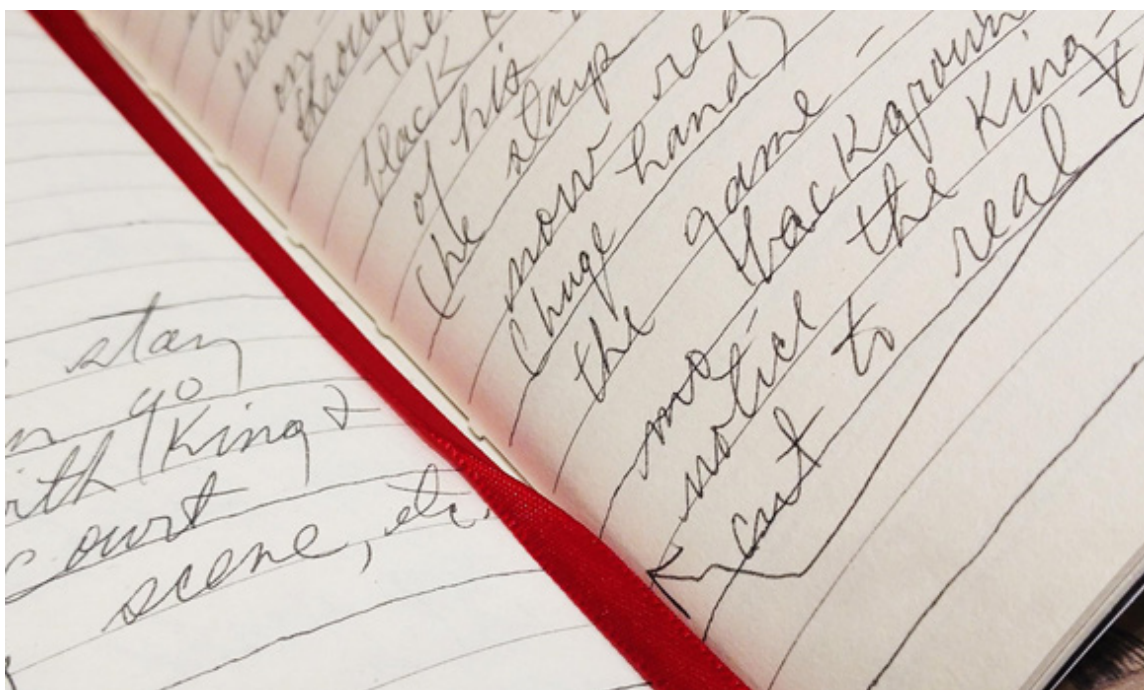


Figura 17. Foto de página interna do livro “Labirinto”.
Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

2.3 ANÁLISE DE SIMILARES – ESTRUTURA DOS GUIAS DE CALIGRAFIA

Foi realizada uma análise de três similares contemporâneos a fim de compreender a estrutura que os mesmos apresentam com relação ao conteúdo, além do foco de suas abordagens.

O primeiro deles foi A Arte da Caligrafia (2013), de David Harris, que tem seu foco na exposição dos estilos de escrita e a história dos mesmos: quando surgiram, em que contexto, para qual finalidade etc. O livro dedica 10 páginas para a introdução do tema, que são divididas em: Introdução (páginas 6-7), abordagem histórica sobre a

escrita ocidental (páginas 8-13) e apresentação de ferramentas para a escrita caligráfica (páginas 14-15). Após essa introdução, são apresentados os estilos de escrita em praticamente todo o restante do livro (páginas 16-119), sempre utilizando uma dupla de páginas para contextualizar e apresentar o contexto histórico. O restante do livro (páginas 120-126) é destinado a glossário, referências, bibliografia, índice e agradecimentos.

O segundo foi *Calligraphy - A Complete Guide*, de Julien Chazal. Ele segue praticamente a mesma estrutura do primeiro, com uma breve introdução e o foco nos estilos de escrita. A diferença é que, ao invés de focar na questão histórica, sua essência é predominantemente estética, apresentando variações de letras, ferramentas específicas para cada estilo e exemplos de aplicações mais expressivas e contextualizadas. O livro é dividido em: introdução (páginas 6-15) e estilos de escrita (16- 21).

O terceiro foi *Brush Lettering* (1994), de Marilyn Reaves e Eliza Schulte. Semelhantemente ao livro anterior, ele também tem sua prioridade na questão estética e nas possibilidades artísticas da caligrafia, sendo dividido em: introdução (páginas 7-9), noções básicas (páginas 11-38) e estilos de escritas (páginas 39-170). O diferencial dele está na parte de noções básicas, que dentre os três é o que traz mais aprofundamento sobre materiais e ferramentas, inclusive apresentando suportes alternativos que não sejam o papel.

Com base nesses três similares, foi possível ponderar como o conteúdo foi distribuído e organizado, resultando no espelho editorial apresentado no subitem seguinte.

A principal diferença entre os guias analisados em relação ao produto oriundo desse trabalho está no foco dos estilos de escrita. Na contramão do que foi encontrado, eles ocupam apenas 25% de todo o conteúdo, aproximadamente. Isso porque o objetivo do mesmo, como já foi apresentado, não está na reprodução das letras, mas sim munir o usuário de recursos para que ele execute a caligrafia conforme sua expressividade.

Outra consideração importante a ser feita é a mudança da apresentação dos materiais. Devido à diferença do conteúdo, eles foram colocados ao final do livro, e não no começo, como nos similares. Essa ordem se deu para haver uma estrutura lógica que facilitasse a didática e tivesse uma progressão lógica, sendo ela: apresentação da teoria e fundamentos; apresentação de referências visuais e estilos de escrita; apresentação dos materiais.

2.4 ANÁLISE - ESTRUTURA DOS GUIAS DE ILUSTRAÇÃO E DESENHO

Além da análise dos guias de caligrafia, também foi realizada a análise de guias de ilustração e desenho, compreendendo que essas áreas possuem uma similaridade com a caligrafia no que tange à relação técnica-expressão. Isso significa que ambas são áreas nas quais é necessário um certo conhecimento técnico e de fundamentos, mas que também possui o fator de expressividade e sensibilidade por parte de quem as realiza

para representar graficamente a mensagem que se quer transmitir da melhor maneira possível. Para esse fator, dificilmente haverá uma cartilha ou manual. Depende do repertório de cada usuário, bem como suas referências estéticas e culturais.

O primeiro livro analisado é *O Essencial da Ilustração* (2012), de Adam Banks e Steve Caplin. O livro - que se apresenta como um manual - é dividido nas seguintes partes: introdução (páginas 6-9), materiais (páginas 10-17) e técnicas de ilustração (páginas 18- 173), nas quais ele aborda desde processos analógicos até os processos digitais.

O segundo é *Como Desenhar Quadrinhos no Estilo Marvel* (1978), de Stan Lee e John Buscema. O livro usa a estética visual da Marvel para instruir o usuário a criar suas próprias histórias em quadrinhos. Sua estrutura é dividida em: ferramentas e vocabulário (páginas 11-18) e as técnicas de desenho (páginas 11-157), as quais abordam questões de perspectiva, desenho de figura humana, composição e desenho de capa.

Por fim, foi analisado o livro *Fundamentos da Ilustração* (2005), de Lawrence Zeegen Crush. Ao contrário dos outros dois, seu foco não está em ensinar técnicas. Sua discussão é mais teórica e abordando a relação entre o meio e a mensagem. Ele é dividido em: introdução (páginas 10-17), transmissão da mensagem (páginas 18-85), mercado e carreira (páginas 86-147) e produção (páginas 148-171), na qual aborda os materiais e recursos necessários para a ilustração.

Dentre os três, aquele que mais se assemelha ao desejado para o produto é o terceiro. Por ter uma estrutura focada na apresentação de fundamentos e discutir questões mais subjetivas, ele vai ao encontro do objetivo do trabalho, ao passo que os outros dois tem um enfoque mais técnico e reprodutivo

2.5 ESPELHO EDITORIAL

A fim de ter uma visão global do projeto e poder distribuir melhor o conteúdo do mesmo, foi realizado um espelho editorial (figura 18), ou seja, uma projeção contendo todas as páginas do produto final, assim como o conteúdo que será abordado em cada uma delas. Isso permite dar um maior equilíbrio entre os capítulos e ter um controle maior sobre o ritmo da narrativa.

2ª Capa	3ª Capa	4ª Capa	Capa
---------	---------	---------	------

Introdução a Caligrafia					
Apresentação	Introdução	Introdução	Introdução	Introdução	Introdução
3	4	5	6	7	8

Introdução	Introdução	Introdução	Introdução	Introdução	Introdução
9	10	11	12	12	13

Morfologia					
Introdução ao tema	Pena chata	Registro de ferramentas	Registro de ferramentas	Cálamo	Pena de Aze
14	15	16	17	18	19

Pena de Metal	Translação	Ângulos	Escala	Tamanho das letras	Ângulos
20	21	22	23	24	25

Escala	Tamanho das letras	Começar a criar letras
26	27	28

Execução					
Malha Construtiva	Malha Construtiva	Folha de Treino	Composição	Composição	Aplicação de Composição
29	30	31	32	33	34

Traço	Traço Contínuo	Traço Contínuo	Folha de Treino	Traço Interrompido	Traço Interrompido
35	36	37	38	39	40

Folha de Treino	Folha em Branco
41	42

Alfabetos					
Alfabetos e suas terminais	Alfabetos e suas terminais	Minúscula Carolíngia	Fundamental	Fundamental	Gótica Primitiva
43	44	45	46	47	48
Gótica Primitiva	Textura Quadrata	Textura Quadrata	Textura Precius	Textura Precius	Minúscula Humanista
49	50	51	52	53	54
Itálica Chanceleresca	Itálica Chanceleresca	Bastarda de Secretária	Bastarda de Secretária	Bastarde	Bastarde
55	56	57	58	59	60
Fraktur	Fraktur				
61	62				
Tintas e Suportes					
Tintas	Especificações das tintas	Suportes	Aplicação em Acetato	Aplicação em Acrílico	Descoberta do Pincel
63	64	65	66	67	68
Testes com Pincel	Aplicação no Concreto	Aplicação em Couro	Aplicação em Madeira	Aplicação em Metal	Descoberta Marcador
69	70	71	72	73	74
Aplicação com Marcador	Aplicação com Papel	Aplicação em plástico	Aplicação em Porcelana	Quadro negro	Descoberta Cola Pen
75	76	77	78	79	80
Aplicação com Cola pen	Tecido de algodão	Aplicação em vidro	Folha em Branco		
81	82	83	84		
Conclusão					
Fechamento	Fechamento	Fechamento	Colorção		
85	86	87	88		
Anexo					
Bolsão	Alfabetos para treino				

Figura 18. Espelho editorial.
 Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

2.6 ESTUDOS PRELIMINARES

Após todo o levantamento teórico apresentado acima, foi realizada uma série de estudos preliminares com a finalidade de introduzir a parte visual do trabalho, esboçando os elementos que foram previamente determinados para serem aplicados ao produto.

Primeiramente, foram realizados rafe de forma livre, sem uma grande preocupação com formato ou dimensões, apenas para ter um primeiro vislumbre sobre como o projeto se comportaria graficamente (figura 19).

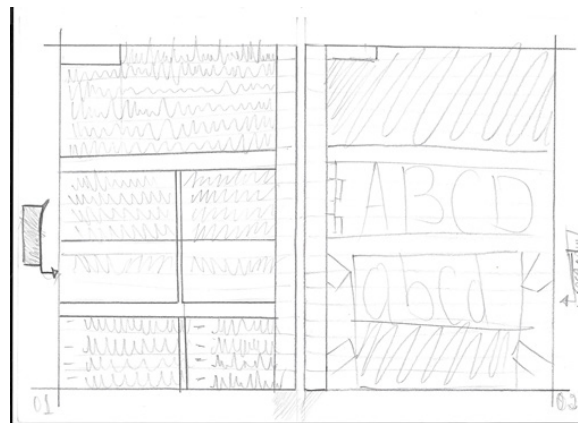


Figura 19. Rafe de página dupla do projeto gráfico.

Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

Após os primeiros rafe, foram feitos em uma segunda etapa outros rafe de modo mais detalhado e com um grau de precisão maior (figura 20), como resultado do refinamento que foi obtido a partir dos primeiros.

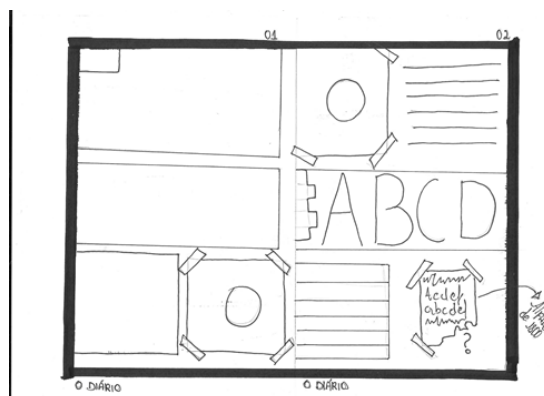


Figura 20. Rafe de página dupla do projeto gráfico.

Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

Em um segundo momento, foi elaborado um storyboard, ou seja, um esboço sequencial sobre como o conteúdo do livro seria disposto juntamente com a narrativa, de modo a criar uma progressão coerente e didática com relação ao ensino da caligrafia.

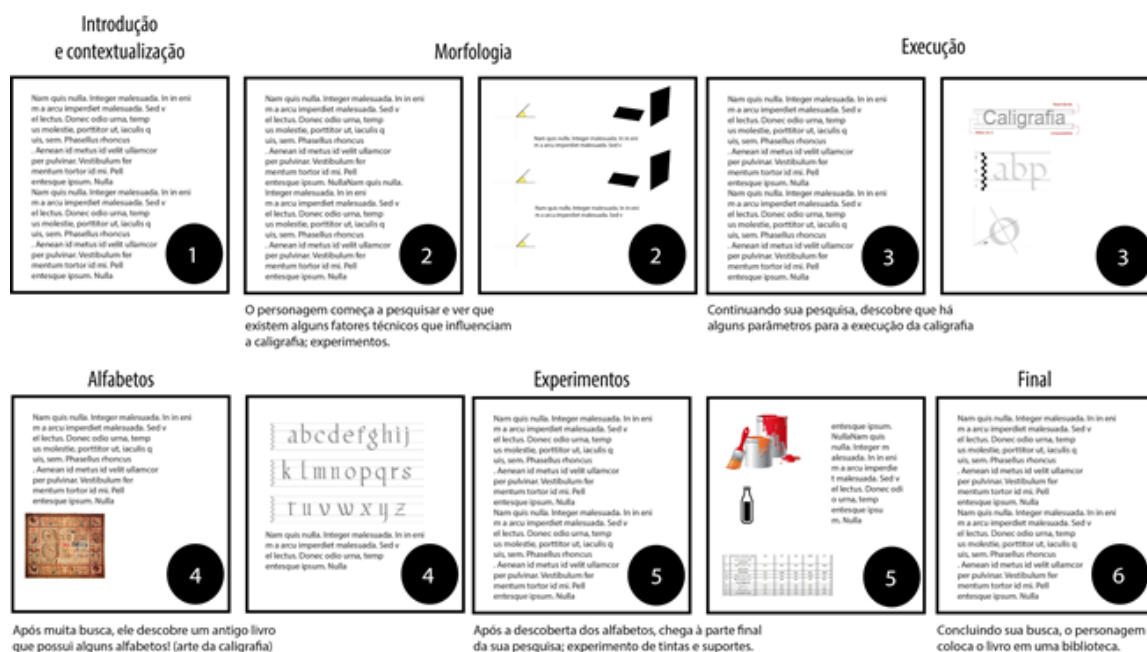


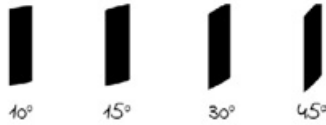
Figura 21. Storyboard dos capítulos.
 Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

Após a definição do storyboard, começaram a ser executadas as primeiras páginas através do software de edição Adobe Indesign (figura 22), a fim de ter uma prévia fidedigna do resultado dos raves executados por meio digital.

As questões técnicas, como tipografia, margens e dimensões ainda não haviam sido determinadas nessa etapa. Todos os estudos foram realizados através de uma aproximação com o que se entendia ser o ideal, apenas com a finalidade de entender como os recursos usados no livro se adequariam - anotações, imagens, inserções narrativas, etc.

Entender melhor sobre as ferramentas foi o pontapé inicial da minha busca. Após isso, entendendo que as ferramentas de caligrafia têm ponta chata, comecei a perceber dois fatores a respeito do ângulo em que as ferramentas eram utilizadas o primeiro deles é que o ângulo de cada pena, ou seja, sua *rotação* determinava a forma de cada tipo de letra, gerando traços grossos e finos, o segundo é que uma vez que era utilizado um ângulo X, este era mantido para todas as letras, como se fosse um movimento de *transição*.

Voltando para minha cidade, fui atrás de um pincel de ponta chata numa loja de antiguidades, já que eu não tinha nenhuma dessas ferramentas, e comecei a fazer uns experimentos com relação aos ângulos para tentar entender melhor a dinâmica delas.



Após ter feito alguns estudos sobre os ângulos, comecei a notar uma coisa interessante as letras de cada documento ou texto que eu encontrrei no museu possuíam um certo padrão no que se refere ao tamanho. Algum tipo de métrica era utilizado para que todas as letras tivessem a mesma proporção e escala.

Depois de muitas suposições e testes, descobri algo incrível o tamanho das letras é medido de acordo com o tamanho da ferramenta utilizada para escrevê-las. Calma, vou explicar isso melhor. Mas primeiro, preciso falar um pouco sobre alguns conceitos que aprendi nas aulas de openType e que podemos aplicar aqui.

Há uma classificação de várias partes das letras dentro do estudo tipográfica. Mas para que você entenda sobre o tamanho das letras, vou deixar registrado três delas: a altura de X, ascendente e descendente.

Figura 22. Desenvolvimento de página dupla do projeto, no software Indesign.
Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

3 PRODUTO EDITORIAL

Neste capítulo, é apresentada a análise dos formatos de manuais e guias de caligrafia e lettering⁶ e da apresentação do conteúdo dos mesmos, a fim de observar diversas questões referentes à abordagem e ao projeto gráfico dos mesmos. Após isso, foram realizadas as tomadas de decisões referentes ao grid, escolhas tipográficas e toda a concepção final do produto.

3.1 FORMATO E DIMENSÕES

Inicialmente, foi realizada uma análise comparativa com relação ao formato e dimensões dos similares (figura 23), utilizando tal dado como base para a definição do produto de modo que ele pudesse ser adequado à essa categoria de material.

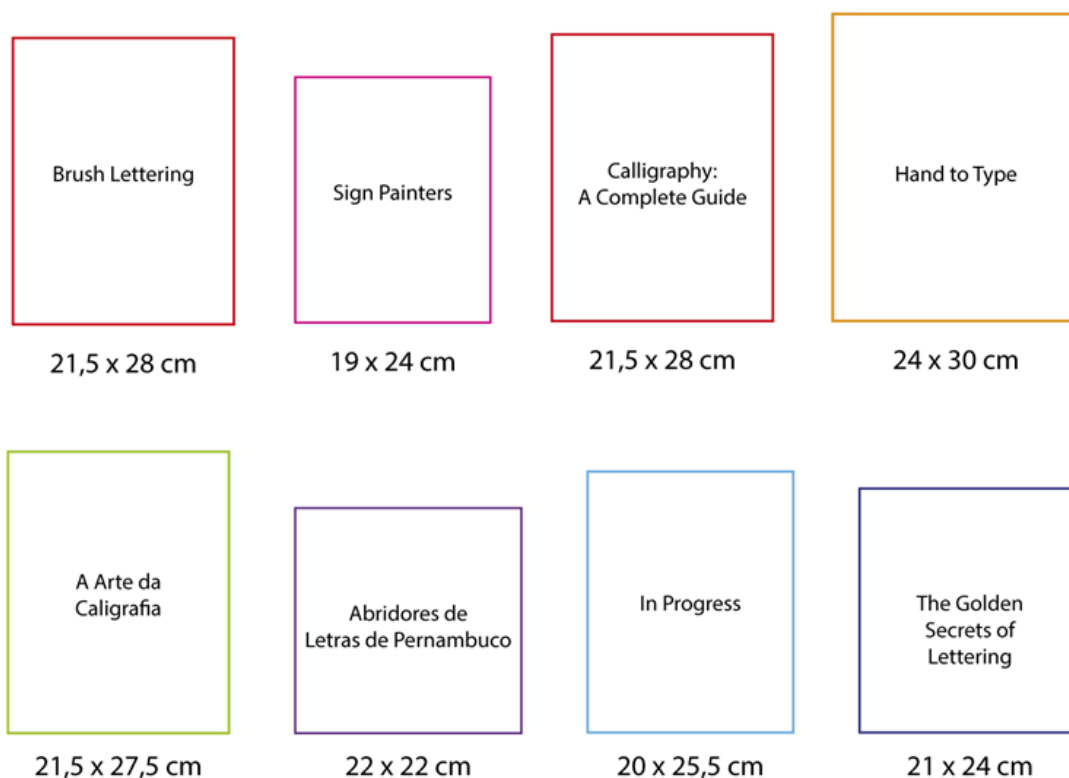


Figura 23. Dimensões do formato fechado dos similares analisados.

Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

6 Lettering é um termo em língua inglesa referente ao desenho de letras personalizadas.

Com relação à largura, o menor e o maior livro possuem, respectivamente, 19 centímetros e 24 centímetros. Com relação à altura, o menor e o maior possuem 22 centímetros e 30 centímetros. Com exceção do “Abridores de Letras de Pernambuco”, que é quadrado, todos os demais possuem uma orientação em retrato, ou seja, um formato predominantemente vertical (altura maior que a largura).

Sendo assim, a fim de se adequar ao padrão vigente nos similares, foi definido a orientação em retrato para o produto editorial. No que se refere às dimensões, também foram delimitadas as medidas máximas e mínimas para largura - 19 centímetros e 24 centímetros - e para a altura - 22 centímetros e 30 centímetros - com base nos similares.

Uma vez que a análise foi feita e a orientação em retrato definida a partir dela, foi necessária a definição das dimensões dentro dos valores especificados. Para isso, é utilizada como base o as proporções do Saltério de Ramsey⁷ (figura 24), um manuscrito iluminado do século XIII que possui 35,5 centímetros de altura por 25 centímetros de largura.

Por questões de viabilidade da impressão e visando evitar que o produto tenha um custo oneroso, foram realizados alguns testes de prototipação, que resultaram no tamanho fechado de 19 centímetros por 27 centímetros, que é adequado tanto à análise de similares, quanto às proporções do Saltério de Ramsey.

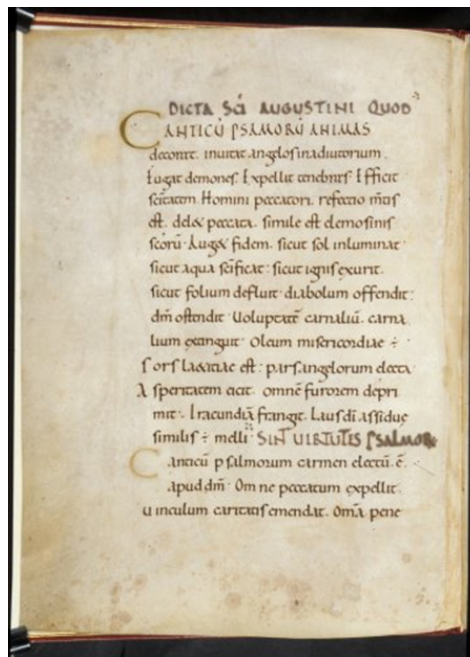


Figura 24. Foto de uma página do Saltério de Ramsey.

Fonte: <https://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/ILLUMIN.ASP?Size=mid&IIIID=21011, 2017>.

7 O Saltério de Ramsey foi um dos documentos utilizados como base para a criação do alfabeto Fundamental, por Edward Johnston.

3.2 GRID

Após a definição de formato e dimensões, a etapa seguinte foi a definição do grid utilizado. Segundo Samara (2004, p. 66): “Um grid é constituído por um conjunto distinto de relações de alinhamento que serve como um guia para a distribuição de elementos em um formato de página”.

Mesmo se tratando de um projeto que representa algo manual, analógico, o grid é necessário para trazer ao projeto coesão e consistência, além de facilitar a aplicação textual e de imagens de modo mais uniforme e sistematizado. Isso não implica, porém, em uma rigidez do projeto e limitação criativa. A grid foi utilizada no projeto com o foco no conteúdo textual. As imagens e os comentários, embora em alguns casos a respeite, geralmente extrapolam a grid a fim de ter um melhor aproveitamento e uma mancha gráfica mais harmônica.

Como o formato foi baseado no Saltério de Ramsey, a grid utilizada também foi desenvolvida a partir dele, que utiliza o chamado “Cânion de Van de Graaf” (figura 25). O cânion foi apresentado por Jan Tschichold, e a forma de se alcançar este grid é através do método de Van De Graaf, onde não é necessário nenhum cálculo matemático, apenas uma régua e um lápis, fazendo a ligação de pontos específicos da página que delimitam as margens e área do texto.

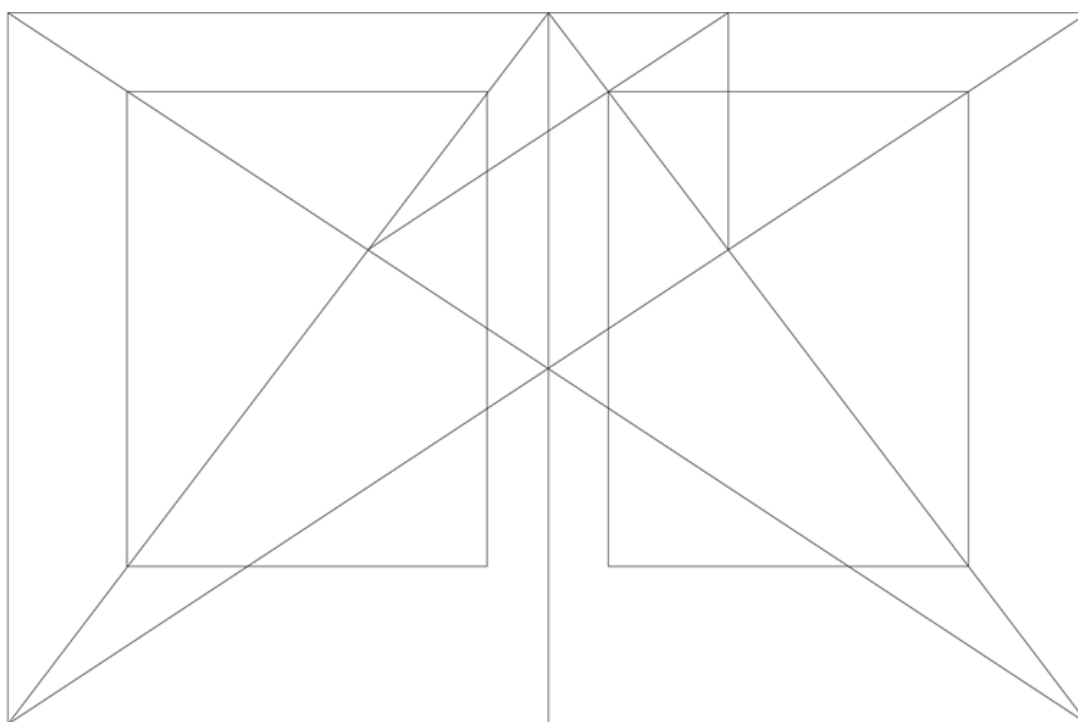


Figura 25. Grid de Van De Graaf.
Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

A principal característica da utilização desse grid, além da sua adaptabilidade em qualquer formato de página, é a regularidade de suas proporções, que são geometricamente baseadas e possibilitam que a página tenha uma grande harmonia, assim como apresenta Bringhurst (2009, p. 160): “Algumas proporções são recorrentes em seus trabalhos porque agradam ao olho e à mente – assim como alguns tamanhos são recorrentes porque são confortáveis para a mão”.

Por outro lado, o sistema de Van de Graaf tem um aproveitamento de papel muito baixo, devido às suas margens generosas, que historicamente eram usadas com o objetivo inicial de apresentar as erratas do livro, e posteriormente, de que o leitor pudesse fazer as anotações no próprio livro, conforme a leitura. Justamente por esse motivo, a utilização dele no projeto não é um problema, pelo contrário: como a proposta gráfica é que se tenham anotações do personagem do livro – além do próprio usuário, é justificável o seu uso em detrimento da otimização da mancha de texto na página.

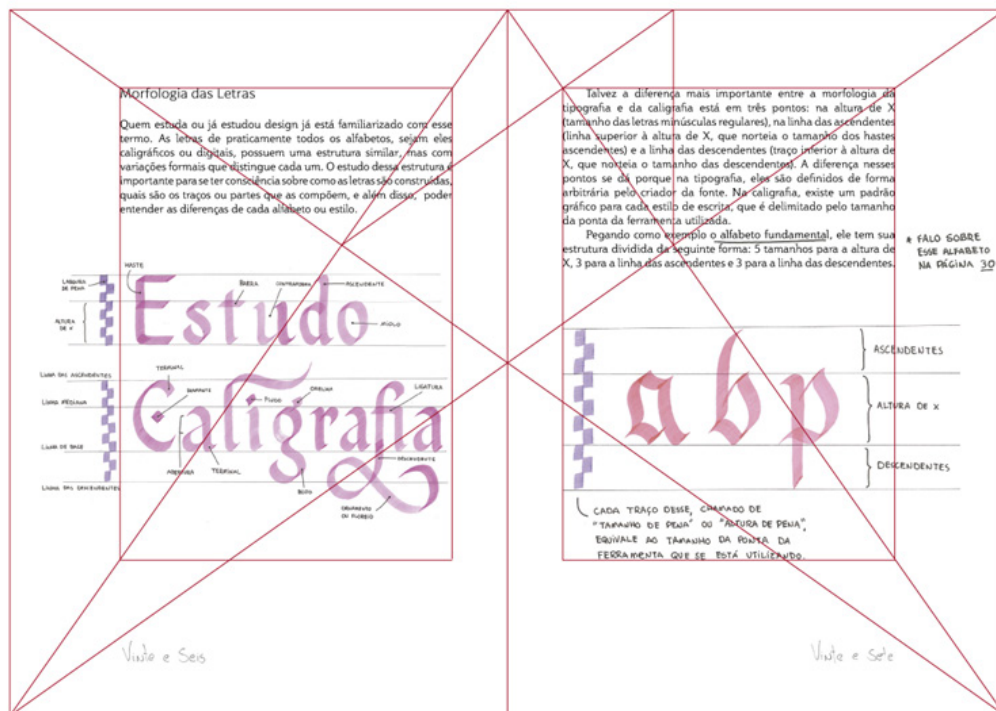


Figura 26. Conteúdo aplicado com base na grid.

Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

3.3 APRESENTAÇÃO DAS FERRAMENTAS

Uma questão de grande importância quando se trata de guias de caligrafia é a apresentação das ferramentas. Para tal finalidade, entende-se que há duas opções no



Figura 28. Comparativo entre a foto original e a foto com tratamento.
Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

3.4 ENCADERNAÇÃO

Por se tratar de um livro em que o usuário poderá tanto ler de forma contínua, quando usar como referência visual para a execução da caligrafia, o principal requisito referente à encadernação é a necessidade de que o livro tenha uma abertura de 180°, possibilitando que fique aberto sem a necessidade de um apoio ou de ser segurado pelo próprio usuário. No entanto, houve uma limitação técnica: além das folhas normais de conteúdo, que são impressas formando “cadernos”, o livro conta com um recurso adicional que é a utilização de papel vegetal sobreposto aos modelos de alfabetos para indicações do ductus⁸.

Diante disso, foi optada pela encadernação manual, o que confere ao produto um toque pessoal, artesanal e artístico, além de atender tanto ao requisito da abertura quanto à limitação das folhas de papel vegetal.

8 Ductus é o termo que se refere ao traçado das letras, ou seja, os movimentos realizados para a execução das mesmas.

3.5 CAPA

Para a capa, a escolha conceitual foi em usar uma estética sintética em relação à quantidade de elementos, a fim de que todo o destaque da mesma seja unicamente no título do livro. Ele é composto de uma caligrafia que utiliza o estilo de escrita Bastarda, que possui formas bem marcantes e gestuais. Sendo assim, o próprio título por si só, por ser caligráfico, atua como um indício sobre o conteúdo do livro. A fim de chegar ao resultado, foram realizados estudos caligráficos de composição, espaçamento e ornamentação (figura 29).

Sua impressão foi feita através de serigrafia, por dois motivos: o primeiro, para dar ao projeto um aspecto mais artesanal, dialogando com a narrativa proposta; o segundo, para ter uma maior liberdade cromática, a qual foi optado pelo uso da tinta dourada a fim de representar o tom apoteótico do título, também em acordo com a narrativa.



Figura 29. Estudos de composição para a capa do livro.
Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

3.6 TIPOGRAFIA

Para o produto editorial, foram selecionadas duas fontes: uma para o corpo de texto e outra para os títulos. No corpo de texto é utilizada a Plume Regular (figura 30), desenvolvida pela Dalton Maag. É uma fonte linear humanista, voltada para materiais impressos, que foi escolhida pela característica gestual das suas terminações (figura 31), dialogando com o conceito e o conteúdo do produto, segundo orienta Bringhurst (2009, p. 107):

“O melhor tipo para um livro sobre corridas de bicicletas será, ante de mais nada, um tipo inerentemente bom. Em segundo lugar, deverá ser um tipo bom para livros, ou seja, um bom tipo para uma confortável leitura longa. Em terceiro lugar, será um tipo simpático ao tema. Será provavelmente inclinado, forte e ágil; talvez também italiano.”

Plume Regular

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
01234556789!@#\$%¨&*()_

Figura 30. Plume Regular.
Fonte: Elaborada pelos autores.

Figura 31. Detalhe das terminações da Plume Regular.
Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

O tamanho de 12 pontos e a entrelinha de 15 pontos (figura 32) foram determinados com base nas proporções da página do livro: a relação entre a altura da página e sua largura (3:2) é, aproximadamente, a mesma entre a entrelinha e o tamanho do corpo de texto. Sendo assim, esses valores atendem a duas questões fundamentais: ter uma quantidade adequada de caracteres por linha, que segundo Bringhurst (2009), deve ser no mínimo 48 e no máximo 75; e além disso, ter um tamanho razoável para uma

leitura a certa distância, entendendo que o material será usado como referência pelo usuário e pode não ficar próximo a ele para tal.

Latina Essential Bold
18pt

Plume Regular
12pt, entrelinha 15pt

Morfologia

Essa parte inicial, a qual batizei de "morfologia", trata de algumas questões técnicas que pude observar ao longo da minha busca. Praticamente tudo que está nesse capítulo é fruto de observação e de diversas tentativas de reproduzir as poucas imagens de caligrafia que encontrei visitando museus e centros históricos do Brasil e de alguns países do mundo, como Estados Unidos, Inglaterra, Holanda e Alemanha.

Nesses locais, foi possível encontrar - embora com certa dificuldade - algumas amostras caligráficas feitas a muitos anos atrás. O que me chamou a atenção foi a variedade de aplicações, que não se limitavam meramente à escrita. Havia desde documentos com grandes textos a obras de arte bastante expressivas, quase ao ponto da abstração. Além disso, foi possível notar uma variação nas formas das letras, e então pude entender que não havia um único padrão.

Na Holanda, especificamente, conversando com as pessoas dos museus que visitei, descobri que por volta dos anos 2000 a 2020, houve um artista local que realizava caligrafia nas paredes da cidade, como uma forma de expressão urbana. No entanto, não encontrei nenhum resquício disso. Mas saber desse fato foi fundamental para abrir meus horizontes, onde pude perceber que a caligrafia vai muito além da escrita à mão, como pensava no início das minhas pesquisas.

Mas em praticamente todas elas foi possível observar um certo padrão no que se refere aos traços e aos movimentos utilizados, e foi com base nesses padrões que comecei a entender a lógica da caligrafia, a qual explico a seguir.

Figura 32. Título e mancha de texto com as especificações das fontes utilizadas..

Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

Nos títulos, é usada a fonte Latina Essential Bold (figura 33), da Latinotype. É uma linear grotesca, a qual foi aplicada com tamanho de 18 pontos. A escolha foi de uma fonte sem serifa, para harmonizar com a primeira, e que tivesse uma sutil gestualidade, mantendo a coerência estética com ela.

Latina Essential Bold

ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
abcdefghijklmnopqrstuvwxyz
01234556789!@#\$%`&*()_

Figura 33. Latina Essential Bold
Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

Além das fontes digitais, o livro também apresenta escritas manuais em dois casos: como anotações do personagem da narrativa (figura 34), que apresentam dicas ou detalhes que demandam atenção por parte do usuário, fazendo com que sua experiência seja mais imersiva e torne o livro menos formal; o segundo caso, na paginação, como um detalhe sutil que contextualiza o conteúdo, em que todos os números de indicação de página foram escritos por extenso.

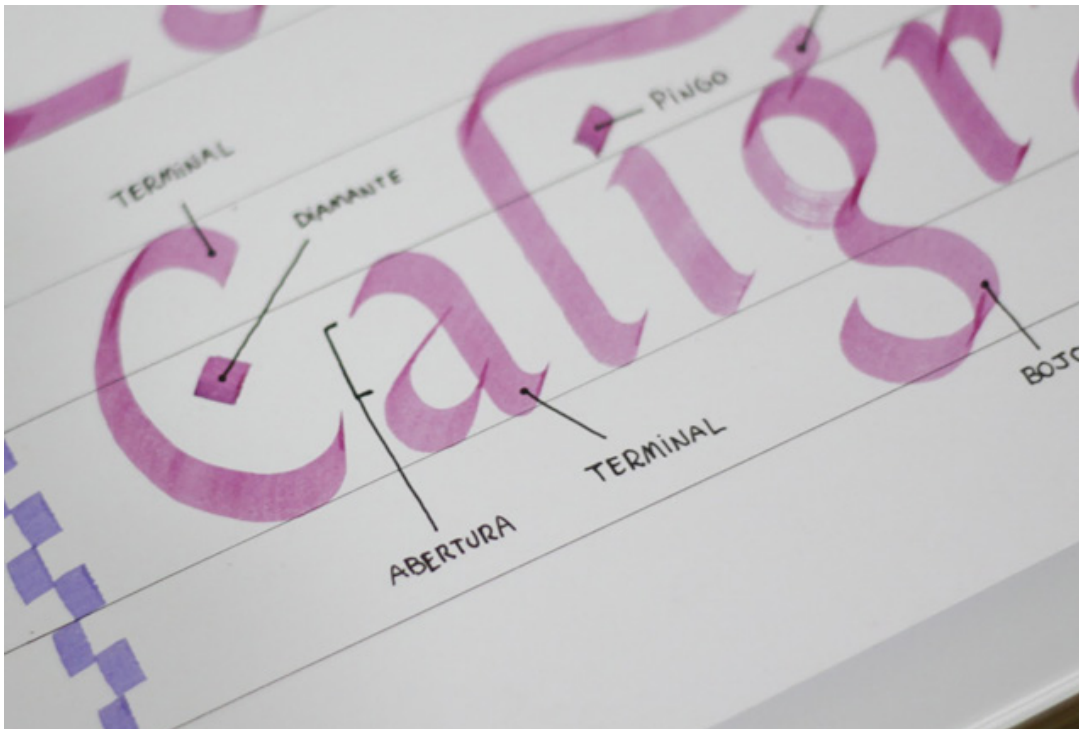


Figura 34. Anotações manuais no conteúdo do livro.
Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

3.7 FIGURAS E PALETA CROMÁTICA

Todas as figuras não-fotográficas do livro foram desenvolvidas à mão devido à natureza do projeto (figura 35), ou seja, elas foram criadas usando a própria caligrafia para isso. O único tratamento digital que houve nesse processo foi na diagramação das figuras, ou seja, não houve uma interferência direta naquilo que foi produzido manualmente, apenas na sua disposição.



Figura 35. Produção das figuras presentes no livro.
 Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

As figuras foram produzidas em papel Canson 220g/m², gramatura suficiente para suportar a liquidez da tinta, utilizando a tinta aquarelável líquida Aqualine e pincel de cerdas sintéticas.

Sendo assim, as escolhas cromáticas foram com base no padrão cromática da própria tinta Aqualine, sendo elas: Escarlata 12, Amarelo Escuro 7, Magenta 29, Laranja 9 e Lilás 28; para se enquadrar em um padrão de impressão pré-estabelecido, foi realizada uma correspondência de cada uma das cores com a escala CMYK (figura 36), conforme a tabela I:

Cor da tinta Aqualine	Cor em CMYK
Escarlate 12	M73 Y74
Amarelo Escuro 7	M19 Y 100
Magenta 29	M85 Y10
Laranja 9	M37 Y72
Lilás 28	C69 M70

Tabela I. Correspondência das cores entre a tinta Aqualine e a escala CMYK.

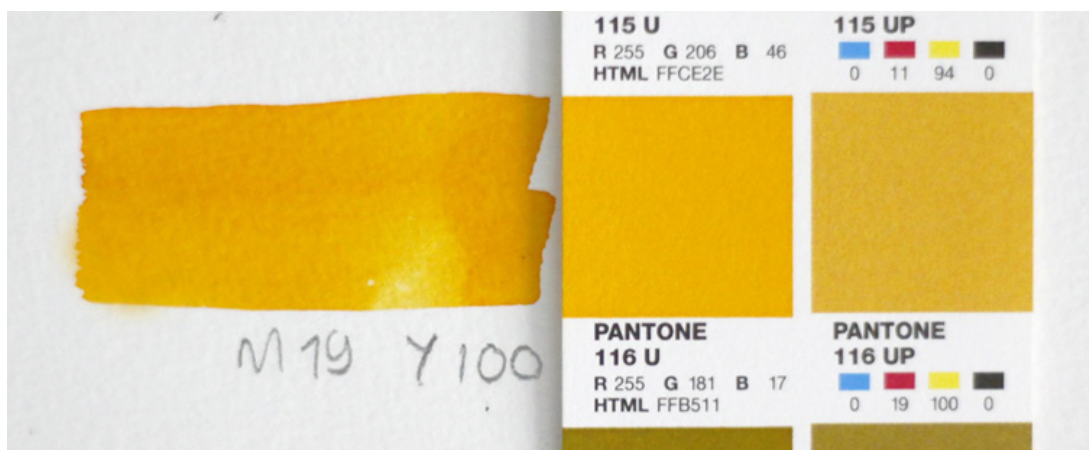


Figura 36. Exemplo de correspondência entre a tinta Aqualine e a escala CMYK.

Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

Através dos similares, foi observado que os estilos de escrita podem ser apresentados de três formas possíveis: em tons de cinza (figura 37), colorido monocromático (figura 38) e colorido com variação de cores. Comparando os três, a última forma se mostrou a mais efetiva didaticamente, por delimitar de forma mais precisa cada traço da letra, o que é fundamental para a caligrafia.

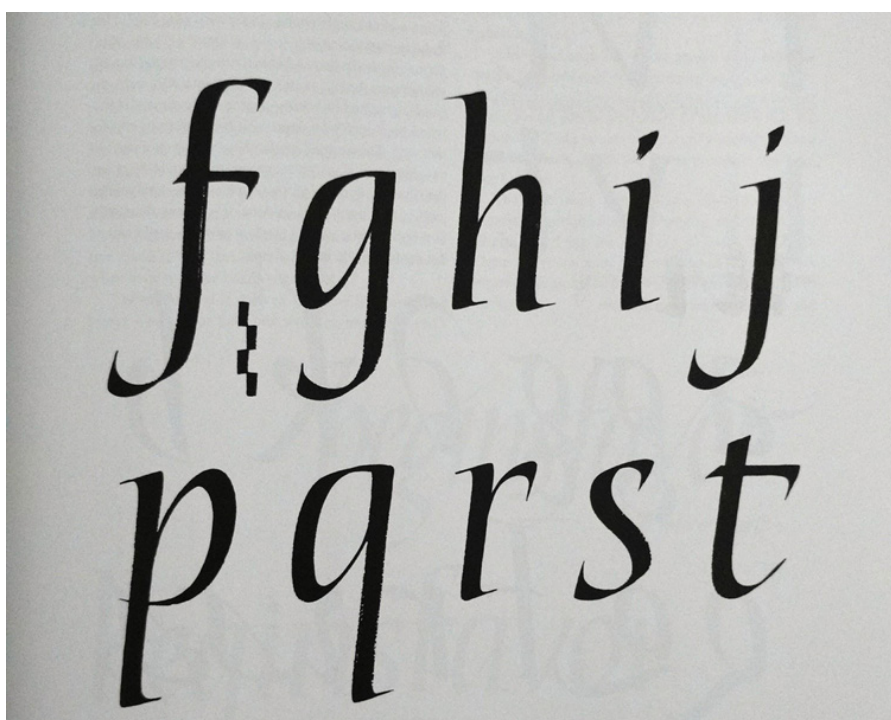


Figura 37. Exemplo de estilo de escrita apresentado em tons de cinza.

Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

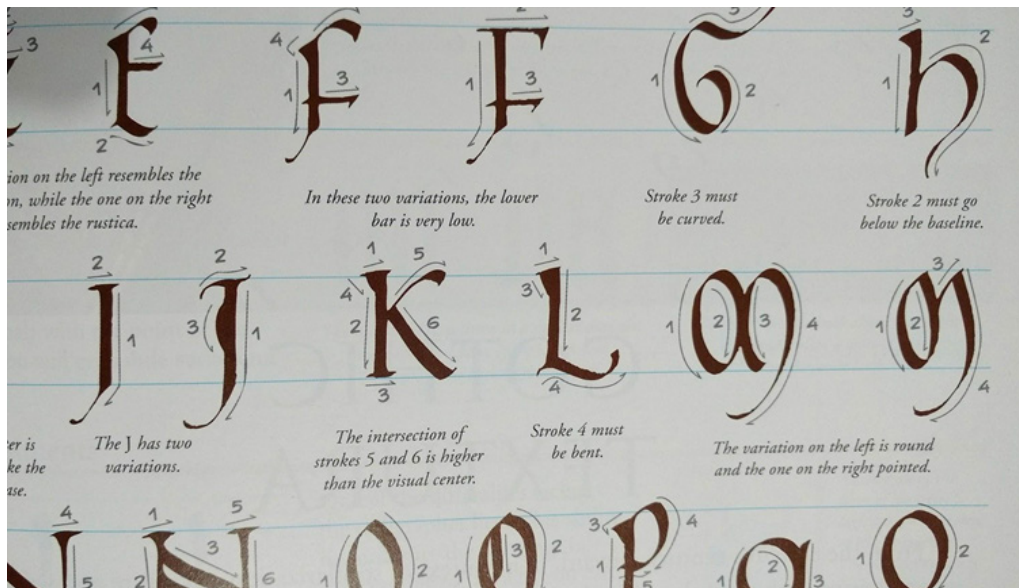


Figura 38. Exemplo de estilo de escrita apresentado de forma colorida monocromática.
 Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

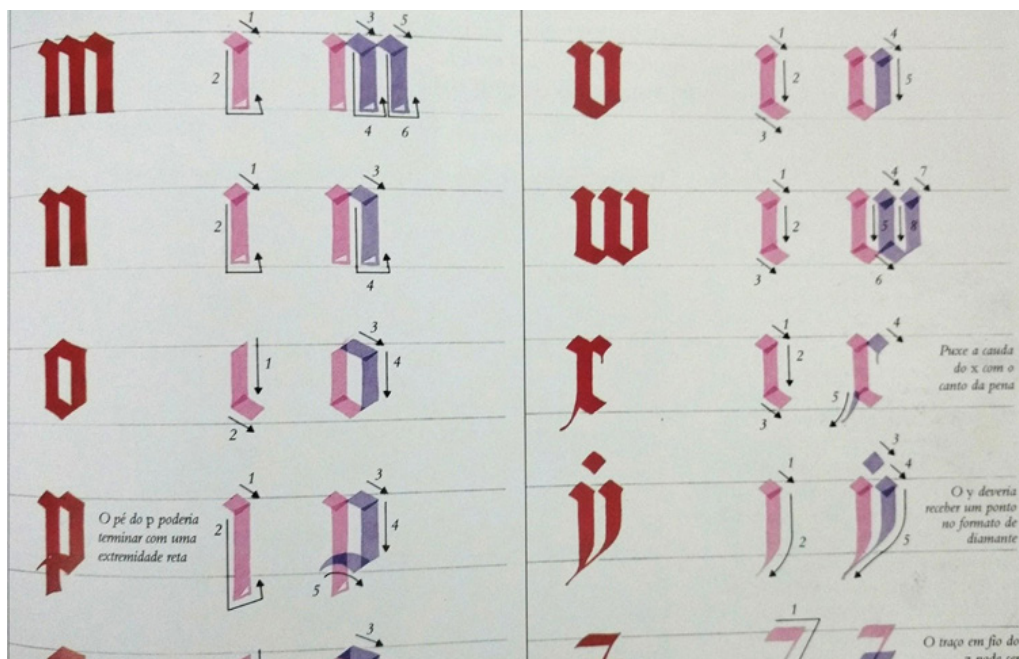


Figura 39. Exemplo de estilo de escrita apresentado de forma colorida.
 Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

A principal necessidade de haver essa variação cromática - cinco cores mais o preto - foi em primeira instância para fins instrutivos: nos estilos de escrita apresentados no produto, cada traço é retratado de uma cor (figura 40), que sempre seguem uma

lógica estabelecida a fim de que o leitor tenha condições de compreender a ordem dos traços sem a necessidade do ductus, ou seja, de uma indicação explícita.

Em segunda instância, a variação teve por finalidade questões estéticas. Para isso, realizou-se estudos tanto para a definição das cores, quanto para a escolha da ordem que elas são utilizadas nos alfabetos.



Figura 40. Variação cromática nos traços das letras.

Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

3.8 ESPELHO EDITORIAL FINAL

Após o projeto gráfico ser definido definido, bem como todo o conteúdo a ser apresentado no livro, foi possível elaborar o espelho editorial final, a fim de verificar o equilíbrio entre cada capítulo, bem como a estrutura de organização do mesmo.

Capa	4º Capa	Falsa folha de rosto	Grid
Folha de rosto	Ficha catalográfica	Dedicatória	Sumário
Sumário	Folha branca	Prefácio	Folha branca
Abertura	Folha branca	Introdução	Folha branca
11		13	
Contextualização	Contextualização	Contextualização	Contextualização
15	16	17	18
Morfologia	Morfologia	Ductus	Translação
19	20	21	22
Rotação	Contraponto	Execução	Morfologia das letras
23	24	25	26
Morfologia das letras	Ritmo e harmonia	Espaçamento	Harmonia
27	28	29	30

Ornamentação	Estilos de escrita	Estilos de escrita	Fundamental
31	32	33	34
Ductus	Alfabeto	Humanista	Ductus
35	36	37	38
Alfabeto	Itálica	Ductus	Alfabeto
39	40	41	42
Gótica primitiva	Ductus	Alfabeto	Minúscula Carolíngia
43	44	45	46
Ductus	Alfabeto	Bastarda	Ductus
47	48	49	50
Alfabeto	Bâtarde	Ductus	Alfabeto
51	52	53	54
Fraktur	Ductus	Alfabeto	Textura
55	56	57	58
Ductus	Alfabeto	Ferramentas	Ferramentas
59	60	61	62

Cálamo	Pena de metal	Pincel	Pincel Mousse
63	64	65	66
Cola pen	Paralel Pen	Marcador	Dois lápis
67	68	69	70
Tintas	Tintas	Nanquim	Guache
71	72	73	74
Acrílica	Aquarela	Corante	Conclusão
75	76	77	78
Conclusão	Notas	Notas	Cólofon
79	80	81	

Figura 41. Espelho editorial final.
 Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

3.9 RESULTADO FINAL

Diante de tudo que foi apresentado anteriormente e a execução de todas as etapas do projeto, chegou-se ao resultado apresentado pelas figuras a seguir.



Figura 42. Encadernação do produto final.
 Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.



Figura 43. Capa do livro.
 Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.



Figura 44. Dupla de páginas com aplicação da caligrafia.
 Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.



Figura 45. Dupla de páginas.
 Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.



Figura 46. Ductus sobre o alfabeto.
 Fonte: Elaborada pelos autores, 2017.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou o estudo da caligrafia enquanto expressão artística, bem como a utilização de recursos gráficos e didáticos para ensiná-la através de um objeto editorial com abordagem narrativa, entendendo a crescente demanda pela sua utilização em projetos de design.

A configuração do guia de caligrafia com a inserção de uma abordagem narrativa para fins didáticos e de entretenimento, objetivando tornar o material lúdico e menos tecnicista, traz à discussão a viabilidade da utilização desses recursos gráficos e textuais para a otimização do aprendizado através de guias, acrescentando uma nova possibilidade a um determinado modelo tradicionalmente assimilado pela cultura, que tem um caráter mais objetivo e racional.

Tendo ciência que o universo da caligrafia possui uma grande extensão no que se refere à técnicas e estilos visuais, e que o produto desenvolvido tem apenas um caráter introdutório, o mesmo abre margem para que a abordagem utilizada propicie novos conteúdos sobre os outros estilos e técnicas caligráficas. Para além disso, o modelo de guia apresentado não se restringe à caligrafia, mas pode ser adequado para outros campos de estudo que demandam de uma certa fundamentação teórica e técnica, mas que não tenham um caráter doutrinário ou meramente reprodutivo, como a ilustração, por exemplo, na qual é de fundamental importância a expressividade e sensibilidade de quem a realiza em relação ao conteúdo e a mensagem a ser transmitida.

REFERÊNCIAS

- BARRY, Paul. **Use A Cabeça ! - Python**. Rio de Janeiro: Alta books, 2013.
- BRINGHURST, Robert. **Elementos do Estilo Tipográfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- BUSCEMA, John; LEE, Stan. **Como Desenhar Quadrinhos No Estilo Marvel**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- CAPLIN, Steve; BANKS, Adam Banks. **O Essencial da Ilustração**. 1º ed. São Paulo: Senac, 2012.
- CHAZAL, Julien. **Calligraphy - A Complete Guide**. 2º ed. Mechanicsburg: Stackpole Books, 2013.
- CORFIX. **Aqualine**. Porto Alegre: [s.n.]. Digital. Disponível em: <http://www.corfix.com.br/produtos/i_ficha16-1.pdf>. Acesso em: 21/09/2017.
- EISNER, Will. **La narración gráfica**. Espanha: Norma Editorial, 1998.
- ELIAS, J. **Instrumentos da Caligrafia Árabe. Cálamo**. Digital. Disponível em: <<http://calamoetinta.blogspot.com.br/2013/03/instrumentos-da-caligrafia-arabe.html>>. Acesso em: 23/09/2017.
- ESPECIAIS, A. T. **Tinta Acrílica Brilhante**. São Paulo: [s.n.]. Digital. Disponível em: <<http://www.acrilex.com.br/admin/produtos/FISPQ%20TINTA%20ACRI%-C2%A6%C3%BCLICA%20BRILHANTE%20n-%C2%A6033.pdf>>. Acesso em: 23/09/2017.
- FINIZOLA, Fátima; COUTINHO, Solange; SANTANA, Damião. **Abridores de letras de Pernambuco: um mapeamento da gráfica popular**. São Paulo: Editora Blucher, 2013.
- FLOR, Martina. **The Golden Secrets of Lettering**. Estados Unidos da América: Princeton Architectural Press, 2017
- HARRIS, David. **A Arte da Caligrafia: um guia prático, histórico e técnico**. 1º edição. São Paulo: Ambientes & Costumes Ltda, 2013.
- HENSON, Jim; DSMITH, A.C.H. **Labirinto**. Rio de Janeiro: Darkside books, 2016.
- HEITLINGER., P. **Pena de escrever**. Digital. Disponível em: <<http://tipografos.net/glossario/pena.html>>. Acesso em: 28/09/2017.
- LINHARES, H. **O que é tinta e qual sua composição?** São Paulo: [s.n.]. 2017. Digital. Disponível em: <<http://sohelices.com.br/o-que-e-tinta-e-qual-sua-composicao/>>. Acesso em: 20/09/2017

- LEOW, Diane. **The write stuff: Calligraphy in the digital age.** Channel NewsAsia. Singapura, Fev 2016. Disponível em: <<http://www.channelnewsasia.com/news/singapore/the-write-stuff-calligraphy-in-the-digital-age-8170106>>. Acesso em: 7 nov. 2017
- LOAIZA, F.; VALENCIA, J.; ARIAS, R. **Caligrafía Expresiva, Arte y Diseño.** Colômbia: Publiprint, 2010.
- LUPTON, Ellen. **Pensar com Tipos.** São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- MATTOS, W. **Os segredos da harmonia no design de páginas.** 2014. Online. Disponível em: <<https://waltermattos.com/tutoriais/tutorial-os-segredos-da-harmonia-design-de-paginas/>>. Acesso em: 25/10/2017.
- MAZZAROLO, Rafael Emili. **Redesign da Identidade Visual e Criação do Brandbook da Marca “O Famoso Brigadeiro.”** Trabalho de diplomação (Tecnologia em Design Gráfico) - UTFPR. Curitiba, 2013.
- MERCUR. **Conheça algumas curiosidades sobre a Tinta Guache Mercur.** Santa Cruz do Sul: [s.n.]. Digital. Disponível em: <<http://www.mercur.com.br/noticias/visualizar/121/conheca-algumas-curiosidades-sobre-a-tinta-guache-mercur>>. Acesso em: 26/09/2017.
- NOORDZIJ, Gerrit. **O Traço: teoria da escrita.** São Paulo: Editora Blucher, 2013.
- NOVAIS, Carlos; MIRANDA, Eva. **Ensino de caligrafia canônica no Brasil: análise do material didático e técnicas utilizadas em cursos introdutórios.** In: Educação Gráfica. Artigo. Bauru: UNESP, 2017.
- Origem da Nanquim.** Digital. Disponível em: <<http://nanquim.com.br/sobre-a-tinta-nanquim/>>. Acesso em: 25/09/2017.
- PROCESSOS QUÍMICOS INDUSTRIAIS I.** São Paulo [s.n.]. Digital. Disponível em: <<http://www.dequi.eel.usp.br/~acsilva/7%20-%20Carga%20e%20pigmentos.pdf>>. Acesso em: 20/09/2017
- RETINART. **The Secret Law of Page Harmony.** Online. Disponível em: <<http://retinart.net/graphic-design/secret-law-of-page-harmony/>>. Acesso em: 25/10/2017.
- ROCHA, Cleomar; GOMES, Flávio; BANDEIRA, Wagner. **Vídeos...interativos?** In: ART - Encontro Internacional de Arte e Tecnologia, 10., 2011, Brasília. Artigo. Brasília: UnB/ UFG, 2011.
- SAMARA, Timothy. **Guia de Tipografia.** Porto Alegre: Editora Bookman, 2004.
- WALLACE, Daniel; WINDHAM, Ryder; FRY, Jason. **O Código do Caçador de Recompensa.** [S.I]: Bertrand Brasil.
- ZEEGEN, Lawrence. **Fundamentos da Ilustração.** Porto Alegre: Editora Bookman, 2010.